

A produção ritual da candidatura política

CARLOS EDUARDO PINTO PROCÓPIO

Instituto Federal de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v23i23p91-108

resumo Quando os processos eleitorais são instaurados, os aspirantes a cargos políticos emplacam uma ação ritual que tem por intenção agregar ao candidato não apenas apoio, mas também colocá-lo como um representante legítimo de determinados coletivos. Durante esse processo, buscam uma agenda de contato face a face, em que suas bases de apoio e aquilo que é dito em relação a eles pelos coletivos que lhe conferem crédito, possam ser estendidas aos demais votantes de uma localidade. Em cada cidade que passam, os candidatos inauguram um comitê, depois voltam, fazem uma reunião, rezam, comungam, realizam uma caminhada ou uma carreata, conversam com as pessoas, apresentam-se junto de notáveis da localidade ou que dentro dela possam ter alguma projeção, e aos poucos vão marcando seu território no corpo e no imaginário da cidade. A proposta deste texto é apresentar como esse processo ritual ocorreu numa candidatura a deputado federal na região sul do estado de Minas Gerais, durante as eleições de 2010.

palavras-chave Candidaturas; Cidade; Eleições; Religião; Ritual.

The ritual production of political candidacy

abstract When electoral processes are established, the candidates to political positions starts a ritual action that is intended to add to the candidate not only support, but also put him as a legitimate representative of certain collectives. During this process, they seek a schedule of face-to-face

contact, in which their bases of support and what is said about him by the collectives that give him credit can be extended to the others voters of a locality. In each city they pass, the candidates inaugurate a committee, and then they went back to the town, have a meeting, pray, commune, make a walk or a motorcade, talk to people, present themselves with the remarkable of the city or people that within it may have some projection, and slowly mark their territory in the body and imaginary of the city. The aim of this paper is to present how this ritual process occurred in a candidacy for Congress in the southern of the State of Minas Gerais during the 2010 elections.

keywords Candidacies; City; Elections; Religion; Ritual.

Introdução

Odair Cunha (PT/MG) tentava sua segunda reeleição em 2010¹, sendo um proeminente candidato a deputado federal, dentre as dezenas de outros que a coligação “Todos Juntos por Minas” (PT/PRB/PCdoB/PMDB) lançou em Minas Gerais². Seu número de inscrição era 1307 (13 era o número de registro de seu partido, e 07, o número escolhido pelo próprio candidato, de modo aleatório, numa escala de 00 a 99). Em sua tentativa de reeleição, Odair Cunha contava com uma plataforma extensa, que procurava agregar adeptos ao longo de um amplo espectro de códigos. Estes emergiam na medida em que o candidato

incorporava e reincorporava adesões. Para tanto, como na maioria das candidaturas, independentemente do cargo pleiteado, Cunha realizava variadas atividades de campanha, as quais serviam como uma maneira do candidato conseguir visibilidade e, conseqüentemente, adeptos. O principal recurso para isso era entrar em contato com eleitores em potencial e com eles falar, conversar, abraçar, oferecer, pedir. Elas também serviam para o candidato demonstrar força, já que trazia para junto de si lideranças dos mais diversos níveis, como uma maneira de se mostrar vinculado a determinadas bases, em uma demonstração de que possui prestígio.

Ao longo de sua campanha, Odair Cunha inaugurou vários comitês, próprios ou de candidatos a deputado estadual, com os quais fazia o que, nativamente, chamavam de “dobradinha”³. Esses comitês, por sua vez, eram instalados em cidades que se julgavam estratégicas, seja pelas ligações políticas que o candidato ali mantinha, seja pelas conexões pessoais com elas estabelecidas. Os escritórios dessas comissões eram esporadicamente visitados, por meio de “caravanas”, em que se fazia ou uma carreta ou uma caminhada na cidade que os abrigava. Nessas localidades, algumas vezes, eram realizadas plenárias e/ou reuniões com parte da comunidade e/ou grupos, nas quais a população poderia colocar seus problemas e ouvir o que o candidato pensava sobre isto. Em outros momentos, Cunha aproveitava sua estadia em alguma cidade para participar de atividades da Renovação Carismática Católica (RCC) ou da Igreja Católica. Tais ocasiões, assim como os discursos públicos pronunciados em comícios realizados nessas mesmas localidades, serviam para a promoção do candidato e daqueles que julgava necessário promover, convertendo esses momentos em ritual político recheado de articulações.

Ritual na conformação da campanha eleitoral

A presença de candidatos em lugares públicos, ao longo de suas campanhas, marca um rito político significativo que tem por intenção agregar ao candidato não apenas apoio, mas também colocá-lo como um representante legítimo de determinados agrupamentos coletivos. Aqui, seu corpo presentificado é uma metáfora que vai encarnar a própria vontade dos eleitores de se verem representados. Por conta disso, cada candidato procurará aparecer num meio do qual se vê como representante em potencial. Nesse contexto, busca uma agenda de contato face a face, em que suas bases de apoio e aquilo que se diz dele pelos grupos que lhe conferem crédito, possam ser estendidas aos demais votantes de uma localidade. Entretanto, esse processo não ocorre como fruto de uma ação espontânea, diante de circunstâncias aleatórias. O comportamento público do candidato só surte efeito porque uma “ação ritual” o conforma, justificando a realização de determinada conduta e seus desdobramentos. Essa ação consistiria em “uma manipulação de um objeto-símbolo com o propósito de uma transferência imperativa de suas propriedades para o recipiente” (PEIRANO, 2002, p. 27), permitindo ao candidato usar os recursos disponíveis em seu contexto social para gerar vantagens para sua candidatura e para aquelas a que ele se inclina a apoiar.

Conceber o ritual político nesses termos implica considerar dois pares conceituais: focalização e transvalorização; nacionalização e paroquialização. Retirados da antropologia de Stanley Tambiah (TAMBIAH, 1996 e 1997; COMEFORD, 1998; PEIRANO, 2002), estes pares conceituais são bons para pensar o processo de fabricação de campanhas políticas, na medida em que ajuda a mensurar os vetores

que atravessam o cotidiano de uma candidatura, haja vista que a inauguração de comitês, comícios, caminhadas, visitas, reuniões e frequência em cultos vão se colocar como o lócus do entrecruzamento de questões vindas de várias ordens, motivadas pelos candidatos, seus apoiadores e seus pretensos eleitores.

Tambiah (1996) usa os conceitos de focalização e transvaloração no intuito de tentar compreender como eventos locais e questões em pequena escala, oriundas de diversas ordens (religiosa, econômica, interfamiliar, regional, entre outros), vão cumulativamente desdobrando-se em uma escala maior. De acordo com esse autor (1996, p. 81), se a focalização “desnuda progressivamente os incidentes e disputas locais de suas particularidades contextuais”, a transvaloração “distorce, abstrai e agrega esses incidentes em questões coletivas de interesse nacional e/ou étnico”. Esse duplo movimento fica perceptível quando eventos de ordem local começam a ser distorcidos e inflados em uma direção indireta ao modo como estava sendo performado localmente. Nesse sentido, “desnuda-se da especificidade dos eventos ocorridos em seus contextos locais em benefício de sua translação e assimilação livre do contexto originário” (TAMBIAH, 1996, p. 192). Nesse processo, seguindo Tambiah (1996), questões performadas localmente começam a ganhar formas éticas, de identidade, interesses e direitos comuns, que passam a ser abraçadas por conta de sua suposta universalidade. Por compreender os processos de baixo para cima e da periferia para centro (TAMBIAH, 1997), uma vez desdobrados para a questão das eleições, esse par conceitual ajuda a pensar como as candidaturas vão se colocar como receptáculo de demandas dos coletivos que desejam representar, elevando-se como agentes capazes de conduzir desejos e necessidades dentro da esfera política para a qual querem ser eleitos.

Os conceitos de nacionalização e paroquialização são, por sua vez, utilizados pelo autor (TAMBIAH, 1996) no intuito de tentar pensar como questões macro são reproduzidas e engajadas em contextos micro. Para ele (1996, p. 257-58), nacionalização é o desdobramento de um processo [macro] em cadeia, enquanto paroquialização tem a ver com a “reprodução de uma causa [macro] em diferentes lugares, onde ela explode de múltiplas maneiras”. Tal dinâmica passa a ser vista na medida em que causa e eventos de âmbito nacional começam a ganhar equivalência nos termos de causas e interesses gestados localmente, manifestando-se aí de maneira dispersa e fragmentada, obedecendo a clivagens e dinâmicas próprias do lugar. Quando configurados, nacionalização e paroquialização funcionam como processos que se endereçam de cima para baixo e do centro para a periferia (TAMBIAH, 1997). Nas eleições, esse par conceitual se torna evidente quando a condição de representante de um candidato se dá pela portabilidade que apresenta em relação à capacidade conquistada pela posição que ocupa na política, projetando-se junto aos eleitores em potencial por meio daquilo que foi feito por ele e das estruturas pelas quais isso pôde ser realizado.

Olhando para o caso de Odair Cunha, sua presença em atividades de campanha nas cidades do Sul de Minas Gerais servirá como exemplo prático de como uma campanha eleitoral é marcada por uma dimensão fortemente ritualizada, dentro dos termos apresentados. Para este caso, é possível afirmar que todo o movimento, voltado para marcar a presença do candidato observado em determinadas localidades, contribui para sua projeção, o colocando, a partir de suas articulações, dentro de um amplo espectro de apoios inclinados para a conquista do êxito eleitoral. Nas campanhas que pude acompanhar ou obter informação, realizadas

nas cidades sulmineiras, Odair Cunha colocou em evidência um cenário de focalização e transvaloração, quando vários atores se colocaram a falar e a agir em seu favor, ou mesmo quando o candidato fala como que assimilando uma demanda local. Além disso, um cenário de nacionalização e paroquialização foi colocado em destaque quando o próprio candidato tomou a palavra ou agiu em defesa de outros candidatos, projetos e valores, ou, ainda, quando seu vínculo com determinada localidade serviu para disseminar políticas que destoavam das comumente realizadas por ele junto à própria localidade.

Em cada cidade que passa, o candidato inaugura um comitê, depois volta, faz uma reunião com a comunidade, reza, comunga, realiza uma caminhada ou uma carreata, conversa com as pessoas, apresenta-se junto de pessoas da localidade ou que dentro dela possam ter alguma projeção, e aos poucos vai marcando seu território no corpo e no imaginário da cidade. Na medida em que se coloca como a personificação de demandas e necessidades, expressas por apoios recebidos ou nos compromissos firmados em *viva voz*, pode-se falar em focalização e transvaloração, de forma que a presença de Odair Cunha em cada cidade vai agregando adesões que, no dia das eleições, converte-se em quantidade. As causas, que o candidato se prontifica a fazer não são, nesse sentido, propriamente suas, mas fruto dos anseios dos eleitores da localidade.

Por outro lado, Cunha vai conduzir várias questões macro em nível micro, colocando em movimento situações políticas desconectadas localmente, mas que podem fazer sentido e desencadear processos de adesão àquilo que é proliferado, desde que encontre ressonância entre aqueles que recebem a informação. Essa nacionalização e paroquialização, na campanha sob análise, pode ser observada nas falas que

realiza em defesa de projetos políticos que não são diretamente os seus, ou que não interessam, de modo imediato, à localidade na qual reclama votos. O mesmo ocorre quando pede votos para outras candidaturas ou sinaliza para valores políticos que estariam desconectados com a concretude das demandas e necessidades daqueles com quem fala. Ao agir dessa maneira, o candidato não estaria sofrendo um efeito das bases, mas o contrário, exercendo efeito sobre elas. Contudo esse processo pode ter um efeito inverso, em que o impacto do candidato sobre suas bases pode, reversamente, ressoar sobre ele novamente, tanto quanto aquilo que sobre ele desencadeou pode, a partir dele mesmo, retornar sobre aqueles cuja ação lhe ressoou.

Inauguração de comitês

A inauguração de comitês se constitui como estratégia para o candidato desenvolver sua campanha dentro de uma cidade. Por um lado, esse espaço se conforma como sua base de apoio, no qual panfletos, *banners*, adesivos, bandeiras, placas e outros materiais de campanha são recebidos, alojados e distribuídos por seus correligionários. É por essa instância que passam a entrar em circulação na parte pública da cidade, sendo entregues a transeuntes, expostos em esquinas e praças, exibidos nas fachadas de casas ou dentro de terrenos privados. Esses comitês também servem para que outros candidatos, coligados com o candidato responsável pela estrutura da comissão, possam também usufruir da infraestrutura física e logística e por ali circular seus materiais de campanha. Esse arranjo é comumente visto durante os processos eleitorais e acaba servindo como uma forma do candidato se fazer visível.

Por outro lado, os comitês também servem como espaço de referência para que o candidato possa começar ou terminar uma caminhada,

e é o local de onde saem ou para onde vão seus correligionários, quando precisam abastecer as ruas com sua figura e mensagem. São também espaços em que discursos públicos podem se constituir, já que toda inauguração de comitê implica a formação de um palanque no qual o candidato, seus apoiados e apoiadores têm a chance de ganhar voz e falarem uns para os outros e para todo interessado que queira ouvir. Nesses ritos, o comitê é colocado como um marco da campanha, que presentifica o candidato para seus eleitores potenciais e inaugura um ponto de encontro para a própria campanha. Assim, o comitê funciona como uma “mancha”, que cobre e resignifica a cidade, geralmente de modo parcial, e enquanto durar as eleições⁴.

Na eleição que Odair Cunha disputou em 2010, muitas cidades receberam um comitê seu. Na maioria delas, esse possuía uma composição dupla, porque Odair Cunha, então candidato a deputado federal, compartilhava o espaço com algum candidato a deputado estadual, com quem fazia “dobradinha”. Esses comitês recebiam vasto material de campanha, não só dos candidatos, mas também dos que concorriam ao Senado, Governador e Presidente, que faziam parte da coligação dos candidatos. A cada comitê inaugurado, um palanque era montado, e a cada retorno à cidade onde estava localizado, o comitê era visitado. São nesses momentos de inauguração que perceberemos como os processos de focalização e transvalorização e nacionalização e paroquialização se fazem presentes. Vejamos alguns exemplos.

Uma das inaugurações ocorreu em Pouso Alegre, no dia 31 de julho (sábado). Nesse evento, mais de cem pessoas puderam ver e ouvir Odair Cunha e seus correligionários falarem sobre os motivos de se votar no candidato. Várias personalidades regionais participaram do evento, como o deputado federal

Virgílio Guimarães; o prefeito de Pouso Alegre, Agnaldo Perugini; o prefeito de Heliódora, Cilinho; o prefeito de Carvalhópolis, Gilsão; o diretor de Gestão Corporativa de Furnas, Luís Fernando Paroli; o chefe de gabinete de Odair, Sebastião Milanez; e os candidatos a deputado estadual, Ulysses Gomes e Dulcinéia, além de vereadores e secretários municipais⁵. A presença deles foi lembrada pela pessoa que pessoa que fazia as vezes” de “mestre de cerimônia”, mas nem todos ganharam a palavra.

A inauguração teve início com uma oração realizada pelo prefeito de Pouso Alegre, que pediu pelo sucesso do candidato, instaurando um rápido momento de louvor e agradecimento. Finda a oração, a palavra é passada a Virgílio Guimarães, que fala sobre Cunha enquanto parlamentar:

Sou seu amigo e seu admirador, você é um exemplo de dedicação, solidariedade e firmeza. Está sempre aberto, recebendo os prefeitos e as lideranças aqui da região. Você é um parlamentar muito capaz, assumiu relatorias difíceis, e assume posições necessárias na comissão e no plenário. Como Terceiro-Secretário⁶ demonstra coragem e determinação para assumir medidas necessárias para valorização da casa.

Logo após, Agnaldo Perugini ganha novamente a palavra: “Nós temos razões para agradecer. A realidade de Pouso Alegre está sendo mudada, principalmente, das classes mais pobres. Odair apostou no nosso projeto, e hoje nossa cidade pode dizer que Odair Cunha é um deputado que faz a diferença.”

Odair Cunha, como última fala da noite, agradeceu a presença de todos, falando que suas ações como parlamentar são reflexos de um mandato que julgava como sendo participativo: “Nós precisamos continuar mudando a história de Pouso Alegre, assim como do Sul

e Sudoeste de Minas. Ainda há muito para se fazer. A nossa reeleição está nas mãos de cada um, o sucesso do nosso mandato se dá pela coletividade, juntos temos feito a diferença na nossa região.”

Com esta fala a inauguração é encerrada. O candidato, após ser ovacionado, direciona-se aos presentes, cumprimenta alguns e conversa com outros. Enquanto esse processo se dava, muitas pessoas comentavam sobre Odair Cunha e coisas que ele teria feito por uma ou outra cidade, bem como falavam a respeito de coisas ditas nos discursos, sempre em uma toada positiva.

Nesse evento, o par focalização e transvaloração se mostra no contingente de pessoas que ali se uniram, em comunidade, para prestigiar e reconhecer o lugar de Cunha na cidade de Pouso Alegre. A oração do prefeito da cidade mostra a unidade em torno de seu nome e a canalização de forças a favor de sua reeleição, fato que se prova pelo pedido de intercessão religiosa pelo deputado, que ganhou eco entre os presentes. A fala de Virgílio Guimarães acentua o sucesso de Odair Cunha pela sua capacidade e empenho em resolver questões ligadas ao Sul de Minas Gerais. Essa posição o coloca dentro de um ciclo de compromisso local, que inclusive ganhou lugar na fala de Agnaldo Perugini. Nessa perspectiva, Cunha só é um bom deputado porque representa as necessidades de sua região. A fala do candidato se mostra em continuidade com essa temática, já que sela seu compromisso na luta pela mudança da região.

Ainda nessa inauguração, as falas colocam em evidência alguns efeitos que podem ser considerados como nacionalização e parquialização. Virgílio Guimarães mostra o candidato em questão como parte de uma estrutura de poder que demanda capacidade técnica, ao mesmo tempo em que deixa entrever que suas

ações na Câmara têm servido para uma valorização desta. Tal colocação serve para levar de “de cima para baixo” e “do centro para a perifeira” uma concepção de política que não se resume a resolver os problemas das cidades que o candidato representa. Assim, Virgílio Guimarães dissemina uma visão técnica e ética que, de certa forma, entra na consciência dos presentes e que poderia servir como recurso de justificação do próprio voto, para além de uma dimensão clientelista. Essa dimensão se torna possível por alguns comentários que ouvi ao final do evento, que levavam em conta os elementos salientados por Virgílio Guimarães na hora de justificarem o voto em Odair Cunha.

Outra inauguração de comitê aconteceu no dia 13 de agosto (sexta-feira), na cidade de Campos Gerais, ato presenciado por dezenas de pessoas. Nesse evento, Odair Cunha e o candidato a deputado estadual Professor Dimas (PT) não só discursaram como ouviram falas favoráveis vindas do presidente do PT local, Vicente, e de um vereador daquela cidade, Lázaro. Logo após chegarem ao comitê, junto com os políticos citados, Cunha e Dimas abraçaram e conversaram com as pessoas presentes. Na sequência, um palanque é improvisado, no qual os candidatos e alguns de seus correligionários, dentre eles o presidente do PT e o vereador, tomam a palavra e discursam para o público presente. O primeiro a falar é Vicente, que, dirigindo-se para Cunha, procurou justificar os motivos pelos quais acredita que todos deveriam lutar pela sua reeleição: “Vocês nos impressiona pela coragem e simplicidade, nós temos a missão de reelegê-lo e com isso levantar a bandeira da igualdade, da justiça e da fraternidade.”

Na sequência, é o vereador Lázaro que ganha a palavra: “Odair é um grande parceiro de Campos Gerais, fez casas populares e duas quadras poliesportivas. Vamos reeleger o deputado Odair Cunha, pois nós precisamos dele.”

Após aplausos e murmúrios, que se iniciavam ao final de cada fala, o Professor Dimas tem a palavra, e, por ela, tenta enfatizar as vantagens de sua parceria com Odair Cunha, e deles com a comunidade: “Parceria só se faz coletivamente, de braços e mãos dadas. Juntos temos mais vontade e motivação para realizar os sonhos e melhor desempenho pelas causas públicas. Junto com o deputado Odair faremos muito mais pela nossa cidade e nossa região.”

Por fim, Cunha assume o microfone e fala ao público presente:

Ninguém é candidato de si só, somos candidatos de um projeto. E vocês me motivam a buscar a reeleição, pois são a resposta que preciso para ver que ainda temos muito a fazer. Tivemos inúmeras ações nestes dois mandatos, mas hoje temos mais experiência, podemos ir mais longe e crescer mais.

[...]

Podem ter a certeza de que não faltará suor e comprometimento de minha parte e da parte do Professor Dimas.

[...]

Nos últimos 8 anos nós crescemos produzindo inclusão social, 24 milhões de pessoas saíram da miséria. Tudo isso vem [ao] encontro com que o presidente Lula disse na posse do seu 2º mandato, que três verbos regeriam o seu governo: acelerar, crescer e incluir. Nós temos um Governo que olha para aqueles que mais precisam, e agora temos a oportunidade de dar continuidade a este processo com a eleição de Dilma.

Em vários momentos da inauguração do comitê os efeitos “periferia para o centro” e

“baixo para cima” ganham seus contornos. A primeira fala de Odair Cunha só ganha sentido se vista como reflexo do apoio de uma parcela da população de Campos Gerais, como sinal do reconhecimento de seu trabalho. Este reconhecimento é personificado na fala de Lázaro, que exalta alguns feitos do deputado, possibilitando ao candidato fazer alusões, em seu próprio discurso, àquilo que realizara para a localidade em que o comitê estava sendo inaugurado. Já a fala do prefeito coloca Odair como um expoente de valores políticos universais e que por isso deve ser reeleito. A posse de tais valores estabelece, para o candidato, uma credibilidade que vai alçando-o a condição de representante dentro daquela cidade. Os valores colocados pelo prefeito fazem parte de um lugar comum da representação política e, por isso, sendo considerados como parte de alguém, serve como a base para sua projeção como representante.

Além disso, é possível visualizar um efeito inverso ao da focalização e transvaloração. De cima para baixo e do centro para a periferia se colocam a posição do candidato a deputado estadual e a do próprio Odair Cunha. O Professor Dimas aproveita a fala do prefeito e do vereador para se mostrar atrelado ao deputado federal, tentando mostrar não só que está com ele, mas que, por isso, pode fazer as mesmas coisas, porque são parecidos na ação de ajudar e promover a cidade. Cunha, em sua segunda fala, tenta facilitar a penetração da candidatura de Dimas, acenando para uma ação conjunta, tal como este último preconizou em sua fala. Por fim, coloca em movimento o projeto macro político a que dizia pertencer, promovendo os feitos do governo federal e a necessidade de se progredir nesse caminho, por meio da eleição da presidente Dilma. Nesse momento, tenta mostrar que os feitos ressaltados para a cidade são frutos de um macro projeto político,

e cuja continuidade depende da manutenção do modelo político em vigor.

Caminhadas

As caminhadas se constituem em espaços de enunciação (BARREIRA, 1998), utilizadas como recurso por candidatos a cargos representativos como forma de se mostrarem e se fazerem presentes junto a determinadas localidades. Quando ocorrem, as caminhadas procuram percorrer trechos importantes da cidade, que não só servem como meio para o candidato encontrar possíveis eleitores e ser reconhecido como alguém que conhece a cidade, mas também como uma forma de valorizar o próprio espaço percorrido, que ganha valor por conta da presença física daquele. Por conta disso, ruas afamadas no imaginário local, monumentos e praças são os alvos preferenciais das caminhadas. Na medida em que é desenrolada, elas se convertem em “grandes cartazes ambulantes, à moda do panfleto ao vivo, cuja eficácia está na busca da atenção mínima à passagem do cortejo” (BARREIRA, 1998, p. 84). Apesar de uma participação caracteristicamente efêmera, caminhadas, enquanto ocorrem, são extremamente intensas performaticamente. Essas características, de acordo com Barreira (1998, p. 84), “não se efetivam em falas ordenadas, mas em cânticos e gestos que lembram procissões”, em que a participação do candidato é “acompanhada de *slogans* e manifestações de adesão que lembram congaçamentos coletivos”.

Como uma estratégia comum em campanhas eleitorais, as caminhadas se destacam pela promoção do candidato enquanto alguém que se coloca para ser visto e, na efetividade de tal ato, que tem sua passagem pela cidade reconhecida e reverenciada. Isto se prova pelo misto de atividade e passividade que compõem os espectadores desse ato, que, independentemente

da reação, estão não só a admirar aquele que passa, mas o motivando a caminhar, já que, quando olham, demonstram a eficácia do ato. Essa disposição vai justificar o fato de que as caminhadas se conformam a partir e por meio do candidato, porque ele não só se coloca como o protagonista da cena, mas também como ator, cuja ação só se faz admirada se fruto da atenção e interesse daqueles que se predispõe a vê-lo. Nesse processo, a candidatura passa a ser reconhecida na medida em que desperta o interesse dos espectadores, fazendo da existência da caminhada uma relação de dependência entre esses dois personagens.

Odair Cunha realiza várias caminhadas nas cidades do sul de Minas Gerais, com correligionários, candidatos a deputado estadual e também com os candidatos ao Senado e ao Governo do Estado. Nesses eventos, partindo geralmente de seus comitês ou de pontos da cidade para depois culminar nos primeiros, procura ser visto e receber apoio dos transeuntes. Na medida em que vai andando e vendo sinalizações de apoio, Cunha intensifica seu contato, conversando e abraçando as pessoas que encontrava ou que iam em sua direção para cumprimentá-lo. Quando caminhava com Fernando Pimentel (PT), candidato ao Senado, e/ou Hélio Costa (PMDB), candidato ao Governo do Estado, esse processo se maximizava, aumentando com isso o público que, ao querer ver esses dois últimos, acabava vendo Odair Cunha e, de alguma forma, se aproximando dele.

Como exemplo, tomemos a caminhada de Odair Cunha com Hélio Costa na cidade de Alfenas, que se realizou no dia 29 de julho (quinta-feira). Eles aterrissaram com um pequeno jato na parte da manhã, no também pequeno aeroporto da cidade. De lá se direcionaram, de carro, até a Praça da Bandeira, na região central da cidade. Essa praça é referenciada

como um lugar de intenso trânsito de pessoas, por abrigar o terminal de ônibus urbano local. Além disso, suas dimensões permitem a distribuição de bancos e jardins, o que a converte em um lugar que pode ser facilmente apreciado e utilizado para o descanso por aqueles que passam. Ademais, pode ser adicionado como referência desta praça o fato de que à sua frente está o prédio que sediava a Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas (EFOA)⁷. Esse prédio, que não é mais usado para fins educacionais, é patrimônio da cidade, mas pertencente à UNIFAL. Em frente ao ponto de ônibus, situa-se o Mercado Municipal, e, do outro lado da praça, uma padaria que é considerada, pelos alfenenses que conversei, a melhor da cidade, não só por conta da qualidade dos produtos fabricados, mas também pela condição elitizada expressada na variedade dos produtos e da infraestrutura do estabelecimento. Odair Cunha e Hélio Costa chegaram e então se somaram aos correligionários que os esperavam com bandeiras e adesivos nas roupas. Entrecortaram o lugar cumprimentando e conversando com transeuntes e pessoas que paravam para observá-los. Na medida em que a caminhada se desenvolvia, chamavam a atenção do público, que se avolumava para vê-los. Algumas pessoas comentavam quando observavam, falando dos candidatos, quem eles eram, o que representavam, o que eles faziam, mas também criticavam, desdenhavam seus comportamentos ou expressavam indiferença. De qualquer modo, a visibilidade buscada foi conquistada, o que se provava a cada passo dado por Odair Cunha e Hélio Costa.

Saindo de lá, os candidatos se direcionaram para o Mercado Municipal de Alfenas, o qual se configurava como um lugar de acesso a produtos rurais, principalmente frutas e verduras, mas também abrigava pequenos bares e lanchonetes, muitos deles especializados na

fabricação de pastéis, produto que, segundo contam na cidade, é o mais consumido no lugar. Continuando a peregrinação, parando, cumprimentando e abraçando as pessoas com quem encontravam ou paravam para lhes dirigirem a atenção, os candidatos adentraram o Mercado, causando a curiosidade dos feirantes, donos de bares e lanchonetes e de seus fregueses, que espiavam com interesse a presença dos dois e de seus correligionários no interior do local. Entre uma conversa e outra, um aperto de mão e um “tapinha nas costas”, os candidatos a deputado federal e a governador pararam em uma das lanchonetes para provarem os pastéis; certamente sabiam de sua fama.

Do Mercado continuaram a caminhada até outra praça, de nome Getúlio Vargas, que fica a aproximadamente quatro quadras de onde saíram. O trajeto foi feito por uma rua movimentada, que concentrava estabelecimentos comerciais, de onde as pessoas saíam para ver o acontecimento. Sem cessar de se aproximar de potenciais eleitores, a caminhada continuou até chegar a praça em questão, onde os candidatos aproveitaram para fazer discursos em uma “concha acústica”, já preparada para tal atividade. Após os discursos, eles se dirigiram para o comitê de Odair Cunha, que ficava em uma rua próxima, e de lá partiram para outras atividades de campanha na região.

Ao escolherem começar a caminhada pela Praça da Bandeira, Odair Cunha e Hélio Costa penetraram em uma parte central da cidade, já que ela é ponto de passagem para quem precisa vir ao centro. Suas candidaturas, nesse sentido, atuaram de cima para baixo e do centro para periferia usando um ponto nevralgico da cidade como mediador. Por este puderam ser vistos por pessoas vindas de vários lugares da cidade, facilitando a proliferação da notícia de sua presença, e, também pela Praça, tiveram acesso a outros lugares, por meio da mensagem

transportada por aqueles que os viram. A partir de cada pedaço da cidade que percorriam, procuravam ser notados, marcando suas posições de candidatos que querem entrar em contato com eleitores em potencial. A cada passo, o eleitor podia identificar os personagens, sobretudo Hélio, cuja figura era mais facilmente reconhecida por suas tentativas de eleição ao Governo do Estado e pelo fato de ser senador. Aqueles que cumprimentam Hélio Costa, em seguida veem a mão estendida de Odair Cunha, para que possam apertar. Muitos atos do primeiro acabam sendo repetidos pelo segundo. Por conta disso, Cunha usa a notoriedade de Costa para também se fazer reconhecido. Algumas pessoas com quem encontravam sabiam quem ele era e lhe faziam reverência. Contudo, é certo afirmar que esse candidato fez de sua presença ao lado do senador uma forma de estar mais visível e converter sua presença ali em mais legítima.

Por outro lado, a peregrinação dos candidatos, em meio à multidão, dá indícios de um processo significativo do tipo de baixo para cima e da periferia para o centro. Ao iniciarem a caminhada, a partir de um ponto central de Alfenas, os candidatos não só estariam reconhecendo o lugar como importante, mas também sendo reconhecidos como pessoas que conhecem o lugar e sabem seu significado. Isso faria que se confundissem com a própria atividade da praça, fazendo inteligíveis suas projeções na cidade a partir dela, uma vez que conformada como porta de entrada e saída de pessoas e suas trajetórias. Assim, é a praça que faz que sejam vistos, diante da importância que ela ocupa na vida alfenense. Tal projeção se acentua no mercado, comportando-se ali como qualquer pessoa do lugar, quando param para comer um pastel, o que vai reforçando a intimidade dos candidatos com a cidade e lhes abrindo o caminho da visibilidade. É significativo o fato

de negligenciarem a padaria, do outro lado da praça, como caminho, dirigindo-se para o local em que a aglutinação de pessoas é muito maior e cujo apelo popular é mais presente. Fazer o que a maioria das pessoas faz naquele pedaço da cidade reduz a distância entre candidatos e eleitores, justificado nos trajetos por pontos que são de conhecimento e uso comum. Ao invés de marcarem uma diferenciação com o público, os candidatos vão atrás da equalização. Aqui, parece que as pessoas os veem porque eles se comportam, num certo sentido, como elas, fazendo da caminhada na cidade algo marcado pela familiaridade, permitindo as aproximações. Se não fosse essa familiaridade, talvez não galgassem tamanha afamação nas ruas por onde caminharam.

Comícios

Os comícios são recursos amplamente utilizados no período eleitoral, configurando-se como um adereço obrigatório para a consecução da performance política dos candidatos. Sua realização implica uma maneira de marcar força, agregando em torno do candidato uma multidão que dará significado para o acontecimento, já que dispensam ao palanque uma atenção especial, reagindo a ele com aplausos, gritos, palavras de ordem e murmúrios. Por outro lado, apoiadores renomados comporão o palanque e vão avalizar a candidatura como detentora de legitimidade em falar pela comunidade, já que aqueles que nele estão representam a voz local e, portanto, têm capacidade para selar compromissos com terceiros. Nessa acepção, o lugar que recebe um comício ganha “uma posição de centro” (PALMEIRA; HEREDIA, 2010, p. 32), um centro em que gravitam princípios e posicionamentos que podem servir para orientar a candidatura, fazendo que essa agregue lógicas locais e assuma compromissos com ela.

Quando ganha corpo, um comício vai se mostrando como um espaço no qual uma hierarquia ganha evidência⁸. Não há diálogo nas colocações dos falantes, apenas reação àquilo que eles falam, cujo êxito vai depender da forma como o público lida com as indagações ouvidas. Cada aplauso ou murmúrio pode servir como termômetro para o sucesso da fala empreendida. Com exceção do apresentador, todos que estão no palanque, ou que ganharão voz nele, são assimilados como detentores de uma atividade política, legitimando o ato de falar ao público presente. Na medida em que vão assumindo a palavra, os oradores elaboram um discurso que ajuda a dar significado ao ato final a que se pretende o comício. Se este é para dar apoio a um candidato, os oradores fazem discursos contando seus feitos, mostrando a vantagem de todos se manterem empenhados em elegê-lo. Quando o candidato assume a fala, sempre ao final do evento, procura assumir, diante do público, um conjunto de promessas e compromissos que venham a dar continuidade ao clima de aliança propiciado pelas falas que o antecederam.

Por conta disso, os comícios colocam em evidência “uma espécie de jogo público entre mostrar-se (ao público) e reconhecer-se (nos que falam)” (PALMEIRA; HEREDIA, 2010, p. 50). Essas duas dimensões são associadas quando passamos a pensar que o candidato só se mostra porque sabe que é reconhecido e só é reconhecido porque deseja se colocar à mostra. Para além de um mero jogo de palavras, esta disposição coloca em movimento a intimidade que existe entre palanque e público, que não se configuram como instâncias separadas, mas em relação constante, já que uma é dependente da outra. Por isso, é correta a afirmação de que “os comícios se tornam elementos de uma tessitura de relações que passa englobar a campanha”

(PALMEIRA; HEREDIA, 2010, p. 65). Nesse sentido, esses eventos se caracterizariam como lócus do receptáculo de demandas, que se encerrariam na fala do candidato que as assume. No caso de Odair Cunha, seus comícios reforçam essas assertivas, e é por meio deles que ele não só conseguirá disseminar sua candidatura, como também torná-la fruto daquilo que seus apoiadores e o público que o acompanha desejam.

O comício realizado na cidade de Boa Esperança⁹, na noite do dia 13 de agosto (sexta-feira), pode servir como ilustração. Na ocasião, Cunha se mostrou para centenas de pessoas, cujo volume foi responsável pela ocupação de grande parte de uma avenida da cidade. Na ocasião, o evento foi realizado em cima de uma caminhonete *pick-up*, adaptada com caixas de som e microfones. Ao lado dela, foi projetado um telão, pelo qual os presentes puderam ver a exibição de um vídeo institucional do candidato, em que apresentava as obras que viabilizou para Boa Esperança. Por conta do espaço reduzido, o palanque, enquanto aglomeração de políticos que figuravam ou aguardavam o momento para falar, não pôde se dar sobre a *pick-up*, mas no chão mesmo, ao seu lado. Só quando era chamado a falar que o político subia na caminhonete, de onde discursava. Entre os presentes estavam a candidata a deputada estadual, Geisa Teixeira, os prefeitos de Boa Esperança (Jair Alves) e de Varginha (Eduardo Carvalho), os vereadores de Boa Esperança (Tatão e Juarez), o presidente da Câmara de vereadores local (Divino Costa), o vereador de Varginha (Rogério Bueno) e secretários de Governo das prefeituras da região. Todos foram referenciados pelo locutor responsável pela organização e distribuição das falas.

Em momento oportuno, o prefeito da cidade de Boa Esperança, Jair Alves, subiu no palco adaptado e discursou: “O deputado

Odair trabalha incansavelmente para o Sul de Minas, temos a obrigação de elegê-lo. É um deputado que olha para as classes menos favorecidas e está sempre em sintonia com o presidente Lula. Juntos com Odair, na nossa administração, vamos assumir todos os compromissos que assumimos. Nós podemos e queremos mais.”

Em seguida, o de Varginha subiu na *pick-up* para falar: “O que Odair fez por Boa Esperança fez também por Varginha. O deputado Odair é sinônimo de desenvolvimento para o Sul de Minas.”

Em seu discurso, Cunha agradeceu a todos os presentes e firmou a importância da continuidade de seu projeto:

Desenvolvemos hoje um trabalho que vai além das nossas expectativas. Este número 13, que elegeu o prefeito Jair, o prefeito Eduardo Carvalho, e tantas outras lideranças, queremos que se repita neste lugar. O nosso projeto é consistente e precisa continuar. Honramos cada voto que nos foi confiado, podemos andar de cabeça erguida e dizer que fazemos a diferença por onde passamos.

Na sequência, falou também da importância de eleger Geisa Teixeira para a Assembleia Legislativa: “O que estamos fazendo em Boa Esperança e no Sul e Sudoeste de Minas, quero que se repita a nível estadual, com Geisa Teixeira. Precisamos de um representante na Assembleia Legislativa, deputado federal e deputada estadual trabalhando juntos.”

Nesse comício, Odair Cunha tem a vantagem de ser conhecido como alguém que é parte da cidade, já que foi criado nela¹⁰. Essa situação favorece seu reconhecimento, que se soma à credibilidade diante daquilo que conseguiu por Boa Esperança, e que é exibido em um telão e passível de ser reconhecido por todos

que são do lugar. Nesse caso, o candidato acaba sendo legitimado não por si mesmo, mas por aquilo que fez pela cidade, desde que isto seja reconhecido pelo público presente. Se, por um lado, a intenção do telão é mostrar a atividade do deputado, por outro, também torna possível que o público no comício dimensione o cuidado e compromisso que Odair Cunha tem com a cidade. É essa conduta que, certamente, espera-se de alguém que é do lugar, convertendo-o como representante que não foge da tarefa de trazer melhorias para sua localidade de origem. Nesse sentido, as obras mostradas são uma extensão de seu compromisso, estabelecido com a cidade, e não necessariamente uma forma de capital político visando à agregação e/ou manutenção de votos. Esse efeito de focalização e paroquialização se mantem nas falas dos prefeitos, que enfatizam que Cunha é um canalizador de vantagens e, por isso, tem o crédito e a confiança deles. Quando os prefeitos falam, o fazem em nome de suas cidades, colocando Odair em uma situação que culmina um fluxo de demandas cumpridas e expectativas que podem vir a ser realizadas. Diante disso, o candidato assume que, de fato, é capaz de fazer aquilo que esperam dele, o que transparece em sua fala inicial. Já que tudo leva à crença em sua capacidade de realizar projetos e viabilizar recursos, que todos veem no telão, e que é reforçado nas falas dos prefeitos, Cunha não poupa esforços em se vangloriar, mostrando-se como o baluarte das necessidades dos presentes.

Todavia, o comportamento de Odair Cunha não deixa de operar em uma lógica de nacionalização e paroquialização, na qual sua própria conduta de se mostrar como um político que fala e faz pode ser diluída em um imaginário que aceita e reconhece que uma promessa feita deve ser prontamente cumprida. É do palanque que esta situação se prolifera, ganhando eco entre os presentes, que certamente vão

comentar com pessoas ausentes no comício aquilo que ali se passou e o que Odair Cunha mostrou ser capaz de fazer pela cidade, diante daquilo que provou já ter feito. Isso é corroborado pelos comentários que se pôde ouvir ao final do evento, que talvez tenham virado “notícia do dia” na manhã seguinte. Além desse cenário, o candidato aproveita seu reconhecimento e credibilidade emergentes para tentar favorecer a candidatura de Geisa Teixeira para deputada estadual. Cola a imagem desta à dele, afirmando que a candidata será tão presente quanto ele no trabalho de melhorar a região.

Outro exemplo de comício é o realizado em Nova Resende. Sob um palanque, montado na praça central da cidade, na noite do dia 27 de setembro (segunda-feira), Odair Cunha, junto com o candidato a deputado estadual Emidinho Madeira, foram ouvidos por dezenas de pessoas, algumas das quais acenando bandeiras com os nomes dos candidatos. Ao lado dos candidatos, somavam-se outras personalidades políticas, como o prefeito Ronei, de Nova Resende; o vice-prefeito Celson; o prefeito Roberto Luciano, de Guaxupé; Claudinei, presidente do Sindicato dos Produtores Rurais; e os vereadores Geraldo, Jorge, Lazinho e Tid Carreiro, todos de Nova Resende. Após um momento em que algumas músicas ligadas à campanha eram tocadas e murmúrios entre os presentes eram ouvidos, as falas começam a ganhar espaço. Todas aquelas que antecederam os discursos dos candidatos se constituíam em falar das atividades realizadas por Odair Cunha na região e da vantagem em reelegê-lo, e eleger o candidato a deputado estadual. Por exemplo, a fala de Ronei, prefeito de Nova Resende: “Temos as portas abertas nos Ministérios. Tudo isso graças ao Odair, que é

um dos parlamentares mais importantes e mais influentes do nosso país”.

Na vez de Emidinho Madeira, este procura elogiar Cunha e apontar suas próprias prioridades se for eleito: “Ele [Odair Cunha] transformou nossa cidade. Sempre nos tratou como irmãos e sempre trouxe diversos recursos para Nova Resende. Odair é um homem transparente e da verdade, é fácil falar dele.”

Em meio a aplausos, por conta da fala de Madeira, Cunha assume a palavra e discursa, enfatizando seu compromisso político de ajudar Nova Resende. Além disso, aproveita para pedir apoio para aquele que o antecederá: “Ele tem sua história e serviço pautados no cidadão. Com sua eleição, Nova Resende terá um parceiro importante. Com Emidinho na Assembleia de Minas faremos muito mais.”

Ao fim, as músicas de campanha ganham lugar, enquanto os presentes se dispersam. Os políticos descem do palanque e cumprimentam os cidadãos que a eles se dirigem.

Nesse comício, Odair Cunha tem sua ação referenciada pelos prefeitos, fazendo dele um representante das cidades deles, pois atrelado a seus interesses e necessidades. A plateia sente-se representada na voz dos oradores e acaba dando indícios disso, aplaudindo e/ou acenando bandeiras. Tal cenário indica que o comício em Nova Resende gerou um efeito de baixo para cima e da periferia para o centro, já que a candidatura de Cunha sai fortalecida, pelo reconhecimento, como fruto de um desejo coletivo. Nesse comício, o candidato não procurou contar seus feitos, já que os participantes do palanque o faziam, restando a ele dizer que está atento às demandas e que vai continuar trabalhando pela cidade e região.

Já parte da fala de Emidinho Madeira opera em uma lógica distinta, dentro do efeito de cima para baixo e do centro para periferia. O candidato a deputado estadual aproveita a

afamação de Odair Cunha, propalada pelos prefeitos e acentuada pela reação positiva do público presente, para se atrelar ao candidato a deputado federal. Faz isso o elogiando, que, em sua fala, feita na sequência, reverencia o trabalho de Emidinho Madeira, dizendo que sua presença no meio político vai se converter em uma parceria importante que pode trazer mais vantagens para a cidade e a região. Se o candidato se compromete em fazer melhorias na cidade, o apoio de Cunha dará a ele legitimidade e credibilidade junto ao público presente no comício, provando que suas promessas não se dariam no limbo, uma vez que passíveis de ganharem a ajuda de alguém que já estava sendo reconhecido como capaz de fazer cumprir promessas estabelecidas.

Participação em cultos religiosos

Durante o período eleitoral, a frequência em cultos religiosos costuma ser uma constante entre candidatos políticos que, por seu vínculo com alguma igreja ou comunidade, aproveita o momento para estreitar vínculos ou pelo menos não desfazê-los. É também um momento em que a aproximação com lideranças e leigos renomados de uma organização religiosa é efetuada por candidatos que querem usufruir do carisma desses personagens. Essa atitude visa, por meio de lideranças e leigos, aproximar-se de fiéis que, por influência desses, possam assimilar a candidatura e optar por seu nome na hora de votar. Entretanto o sucesso dessa empreitada não se constitui por um cálculo simples, em que basta a aproximação na hora de conseguir votos – em época de eleições, é um processo extremamente tenso. Isto se aplica, a meu ver, tanto para candidatos cuja intimidade com a organização religiosa já é conhecida, como para aqueles que o laço com essa ainda está em configuração.

Quando se aproxima de igrejas e comunidades, o candidato pode ser visto como alguém que quer delas usufruir apenas para seus interesses políticos pessoais, oferecendo em troca algum benefício ou favorecimento. Isso geraria um cenário de desconfiança, ainda mais quando ele se mostrar como alguém que assume, intransigentemente, os valores religiosos com os quais flerta. Desse modo, o efeito gerado por parte do candidato é reverso, já que seu esforço para ser assimilado acaba sendo pautado pela suspeita e/ou desconsideração. Quando rejeitado, parece sofrer o impacto de um “efeito fariseu”. De acordo com Pierucci (2011, p. 12), tal efeito se dá na medida em que um candidato produz “uma simulação de si como alguém ‘mais santo’ que o outro”. Agir dessa maneira acaba levando a uma autoinolucação daquele que assim se revela, gerando uma situação de inconveniência diante do uso que se faz da religião. Isto é percebido, diga-se de passagem, a partir do próprio segmento religioso, que rechaça o abuso. Nesse caso, apercebido “que sua fé está sendo exageradamente cortejada para satisfazer a interesses meramente eleitorais daquele que o bajula como um bom cristão, só que em busca de benefícios próprios nem de longe religiosos”, o homem religioso responde com sua rejeição (PIERUCCI, 2011, p. 13).

Para que tenha êxito, ou pelo menos para reduzir a possibilidade de rejeição imediata, o candidato encontrará na prudência, em sua relação com igrejas e comunidades, a solução. Essa prudência implica a busca pela aceitação a partir de uma postura de boa vontade com os valores defendidos pela média dos fiéis, mais do que sua pronta defesa intransigente. Esses valores costumam ser reinventados na relação do candidato diante da organização religiosa, que opera trocas de sentido entre valores religiosos e ações cívicas. Quando isso se dá, não

é só o candidato que consegue ganhar inteligibilidade religiosa, mas a própria religião que passa a ganhar inteligibilidade política. Essa sensação de *continuum* tende a reduzir as tensões e facilitar a aceitação. Odair Cunha se situa dentro desta perspectiva, não só quando vai a encontros do catolicismo carismático e missas católicas, mas também de outras igrejas e comunidades religiosas cristãs. Se tal ação não lhe rendeu votos, é certo que ela minimizou atritos que poderiam despontar em seu contato com o segmento religioso, que poderia ver sua presença como estranha e eleitoreira, tornando a aceitação possível de ser consumada.

A relação de Cunha com a RCC não cessa no período eleitoral. Sua participação em encontros do catolicismo carismático se dá em paralelo às atividades de campanhas nas cidades sul-mineiras. Uma dessas participações acontece na cidade de Varginha, no dia 15 de agosto (domingo), onde participou do encontro do Ministério Fé e Política da RCC local, no qual atuou na condição de pregador. O encontro foi realizado na parte da manhã e contou com a presença de dezenas de pessoas, destacando-se dentre elas coordenadores do catolicismo carismático e vereadores da região. O início do evento se deu com a fala de uma coordenadora do Ministério Fé e Política local, que enfatizou a importância do ministério na ação política, cuja atividade estaria permitindo “levar o Evangelho para muitos lugares”. Nessa fala, a palavra “Evangelho” foi usada de modo genérico, ora fazendo menção a questões ligadas a uma missão religiosa, de levar a “palavra de Deus”, ora a questões ligadas ao amor e compromisso com o próximo.

Depois disso, como em todos os eventos da RCC, orações em vários tons ganhavam lugar, produzindo um coro que variava entre o uníssono e o polifônico¹¹. Antes de cada pregação, que aos poucos se realizavam, um pedido de

intercessão a favor do pregador era proferido. Quando anunciado o nome de Odair Cunha nessa condição, o processo não foi diferente. Dois coordenadores do movimento colocaram as mãos sobre sua cabeça, que estava de joelhos, em frente aos presentes, pedindo que “a luz do Espírito Santo” iluminasse sua pregação. Esse pedido ganhou o reforço dos demais presentes, que também pediram pelo candidato com orações e súplicas. Cunha assume a fala e procura enfatizar a importância que a política tem na resolução dos problemas sociais. Faz uma menção a uma carta encíclica de Bento XVI, cujo tema, disse, trata da “verdade da caridade”. Nesse momento, conforme explanou o candidato, a caridade “não é um sentimento de dó, mas sim uma motivação vinda do próprio Deus”. Depois, pregou da seguinte forma: “Jesus questionou as estruturas de seu tempo, e sempre buscou uma sociedade mais justa e fraterna. Nós somos chamados a buscar também uma sociedade mais humana. É preciso questionar as estruturas, e com isso, eu fico mais motivado ainda a ocupar este espaço de missão que o Senhor me confiou.”

Quando se direciona para o fim, Odair Cunha cita uma frase que computa ao Papa Paulo VI, que dizia: “se a solidariedade humana é capaz de aliviar a fome do pobre, a política é capaz de eliminar as causas da pobreza”. Com isso, agradece a Deus pela inspiração, conduz um momento de oração e passa a palavra para os coordenadores do evento.

Sua postura bem pode significar um processo de nacionalização e paroquialização ao utilizar um evento do Ministério Fé e Política para se fazer presente junto à comunidade católica carismática. Pela função de pregador, o candidato se coloca como portador de uma missão política, além de se apresentar como alguém em continuidade com os valores ligados ao Evangelho e suas interpretações papais.

Ademais, alguns trechos de sua fala colocam a política como lugar de ação evangélica, no sentido de buscar uma sociedade marcada pela justiça e fraternidade. Ao fazer isso, atinge os presentes, que também estariam inclinados a um comportamento condizente com o evangelho e que, por isso, lutariam pelo questionamento das estruturas vigentes, podendo encontrar em Odair Cunha a personificação desses desejos, levando-os a votar no candidato.

Entretanto, se sua presença ali, em época de eleição, poderia parecer eleitoreira e interesseira, o fato de ser apresentado como um pregador minimiza a tensão e o efeito fariseu passível de gerar impacto em seu comportamento diante da comunidade carismática. O pregador, nesses momentos de encontro religioso, tem sua pessoa anulada, já que será o Espírito Santo que falará por meio dela. A oração feita pelos coordenadores e demais presentes prova essa disposição. Desse modo, o pregador tem sua presença e ato legitimados, convertendo-o em alguém que fala pela comunidade. Assim, o processo de focalização e transvaloração ganha espaço. Odair Cunha fala uma língua inteligível na comunidade, colocando sua ação política mais como uma missão dada do que uma ação desejada. Logo, antes que uma vontade sua, aquilo que ele faz é uma vontade de Deus. Nesse caso, o candidato não estaria fugindo do chamado, mas se empenhando a realizá-lo em seu máximo. Porém não só estaria operando dentro de uma linha unicamente revelada de modo divino: sua ação também se projeta pela ligação com a Igreja Católica, expressa nas citações dos papas e de suas falas. Tal atitude o coloca dentro de um cenário de pertencimento católico igualmente compartilhado pelos presentes, convertendo-o em mais um deles, que reconhece a importância daquilo que a Igreja Católica, por meio de suas lideranças, fala sobre a realidade e a interferência nela por parte do fiel.

Conclusão

Este texto procurou analisar como uma candidatura a deputado federal é produzida, levando em conta uma perspectiva ritual, especialmente nos termos oferecidos por Tambiah (1996, 1997). Com isso, procurei enfatizar que as estratégias utilizadas em campanhas políticas não se configuram tão somente como fruto de um cálculo pragmático que envolve um “toma lá, dá cá” entre candidato e eleitor, mas antes um conjunto de movimentos desenhados pela presença do postulante a um cargo político nas cidades, por meio de uma série de eventos visando estimular o imaginário daqueles que deseja conquistar. Se o que se procura numa campanha eleitoral é conseguir a preferência do eleitor, atingir seu imaginário, aquilo que o candidato faz precisa estar articulado dentro de um processo comunicacional que envolve candidato e eleitor, sem negligenciar o lugar onde falam, ouvem e sentem. Nesse sentido, a movimentação do candidato só surte efeito porque é realizada uma ação ritual no lugar onde está, justificando condutas e seus desdobramentos, o que acaba lhe permitindo usar os recursos disponíveis no lugar para gerar vantagens para sua candidatura e para aquelas que ele se inclina a apoiar.

Destarte, este texto retoma pontos de reflexão oriundos da antropologia do ritual que, desdobrados para a política, ajuda a compreendê-la a partir de suas lógicas locais, valorizando aquilo que os atores faziam, relativizando as visões essencialistas e substancialistas sobre o que a política deveria ser. Olhá-la dessa maneira não significa que o candidato se rende à lógica do lugar e faz ali a vontade daqueles com os quais flerta no intuito de ganhar seus apoios. O candidato, nessa perspectiva, atravessa ruas e praças tanto quanto esses o atravessam, elaborando referências que direcionam a campanha e que conformam opções

políticas quantificáveis ao final do escrutínio. Olhar a candidatura de Odair Cunha por esta ótica engrossa as fileiras de uma perspectiva que leva a sério o ponto de vista nativo.

Dentro da perspectiva utilizada, a produção ritual de uma candidatura é marcada pela improvisação, cujo efeito só existe na medida em que tanto movimenta quanto é movimentada. Isso porque as campanhas não são feitas na cidade, mas ao longo dela, incorporando-a na mesma proporção que é incorporada. Seu funcionamento não é extracotidiano, diluindo-se no local como um corpo estranho que quer deixar suas marcas e se fazer reconhecido. Uma campanha, ao contrário, só se mostra eficaz quando se mostra imersa na cidade, compondo seu movimento e evoluindo com ela. Na medida em que os candidatos caminham, passam a conhecer o lugar, a um só tempo passam a ser conhecidos por ela. Nesse processo proliferam mediadores e mediações que atravessam praças, monumentos, objetos, comportamentos e costumes, que tornam as campanhas políticas marcadas por uma composição heterogênea e que não pode ser resumida simplesmente a um cálculo instrumental.

Notas

1. Odair Cunha se lançou pela primeira vez a deputado federal em 2002, sendo eleito com aproximadamente 35 mil votos. Em 2006, sua reeleição é garantida após a contagem de quase 75 mil votos a seu favor. Em todas essas eleições o candidato esteve filiado ao PT, partido ao qual se mantinha vinculado em 2010.
2. Coligação é o nome que se dá, na época das eleições majoritárias e/ou proporcionais, à união de dois ou mais partidos que apresentam conjuntamente seus candidatos para determinado pleito. A intenção desta articulação é criar um espaço onde as candidaturas possam se complementar de modo direto ou indireto, apresentando em torno de um candidato a governador de estado, por exemplo, nomes ao senado, câmara dos deputados e assembleias legislativas, que teoricamente estariam vinculados com um mesmo projeto político. Em caráter de informação, a coligação da qual fazia parte Odair Cunha tinha o nome de Hélio Costa (PMDB) para governador e os de Fernando Pimentel (PT) e Zito Pereira (PC do B) para o senado.
3. A “dobradinha” é uma ação de articulação entre dois nomes que concorrerão a cargos semelhantes, porém em esferas distintas, em que um apoia o outro, em uma tentativa de fazer transferir os votos entre si. A dobradinha ocorre quando um candidato a deputado federal faz uma articulação com um candidato a deputado estadual; quando um candidato a presidente faz articulação com um candidato a governador; e quando um candidato a senador faz articulação com outro candidato a senador, numa situação em que duas vagas estão em jogo.
4. O conceito de mancha que utilizo aqui se aproxima daquele utilizado por Magnani. Este o definiu como “áreas contíguas do espaço urbano, dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam, competindo ou complementando-se, uma atividade ou prática predominante” (MAGNANI, 2005, p. 178).
5. Ignorei as filiações partidárias desses personagens por conta de seu não uso quando da nomeação dos presentes pelo “mestre de cerimônia”. Pelo que pude me informar, a maioria deles era filiada ao PT. O vínculo partidário, em algumas ocasiões, parece se constituir como um mero detalhe, recaindo a ênfase mais sobre a pessoa do político. Esse processo, em detrimento de sua pertença partidária, é amplamente abordado no livro de Chaves (2003).
6. Odair Cunha tinha essa função do Congresso Nacional quando concorria à reeleição, em 2010.
7. A referida EFOA é, desde meados dos anos 2000, a Universidade Federal de Alfenas, cujos cursos funcionam em outros prédios na cidade.
8. Conforme as análises de Palmeira e Heredia (2010), os comícios marcam uma separação entre dois públicos, o dos políticos e o dos ouvintes. Diferentemente das reuniões, em que são os candidatos que escutam

- reclamações, reagindo com respostas, nos comícios são os candidatos que falam, restando ao público a tarefa de reagir dentro de um plano cultural, no qual só não lhes é permitido o uso do recurso verbal direto no palanque.
9. Odair Cunha foi criado nessa cidade, onde viveu durante quase duas décadas, e foi nela que iniciou sua militância política.
10. Segundo sua assessoria, Odair Cunha nasceu em Piedade, interior do Estado de São Paulo, mas viveu sua infância e adolescência em Boa Esperança. O candidato ainda viveu em Varginha, onde estudou, e em Três Corações, onde participou da Comunidade Carismática Magnificat. Em 2010 residia em Pouso Alegre.
11. A dissertação de Silveira (2000) apresenta um panorama sobre a estrutura dos eventos do catolicismo carismático.
- in South Asia (Resenha). In: *Mana*, v. 4, n. 1, p.180-183, 1998.
- MAGNANI, José G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. In: *Tempo Social*, v.17, n. 2, p.173-205, 2005.
- PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz. *Política ambígua*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2010.
- PEIRANO, Mariza. A análise antropológica dos rituais. In: *O dito e o feito*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- PIERUCCI, Antônio F. Eleição 2010: desmoralização eleitoral do moralismo religioso. In: *Novos Estudos Cebrap*, n. 89, p. 5-15, 2011.
- SILVEIRA, Emerson J. S. da. *Tradição e modernidade na renovação carismática católica: um estudo dos rituais, subjetividades e mito de origem*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora/MG, UFJF, 2000.
- TAMBLIAH, Stanley. Leveling crowds: ethnonationalist conflicts and collective violence in South Asia. Berkeley: University of California Press, 1996.
- _____. Conflito etnonacionalista e violência coletiva no sul da Ásia. In: *RBCS – Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 34, 1997.

Referências bibliográficas

- BARREIRA, Irllys. *Chuva de Papéis*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.
- CHAVES, Christina de Alencar. *Festas da Política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.
- COMEFORD, John C. Leveling crowds. Ethnonationalist conflicts and collective violence

autor

Carlos Eduardo Pinto Procópio

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Professor de Sociologia e Antropologia no Instituto Federal de São Paulo

Recebido em 05/05/2014

Aceito para publicação em 01/12/2014